



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
COORDENAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

JOMAR DOS SANTOS QUARESMA

**HIP HOP TUCUJU: Um breve estudo do movimento cultural urbano
como instrumento de prevenção e resgate de jovens em
vulnerabilidade social no município de Macapá**

Macapá
2016

JOMAR DOS SANTOS QUARESMA

**HIP HOP TUCUJU: Um breve estudo do movimento cultural urbano
como instrumento de prevenção e resgate de jovens em
vulnerabilidade social no município de Macapá**

Artigo Científico apresentado a Universidade Federal do Amapá como requisito básico a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais.

Orientador: Msc. Luciano Magnus de Araújo

Macapá
2016

**HIP HOP TUCUJU: Um breve estudo do movimento cultural urbano
como instrumento de prevenção e resgate de jovens em
vulnerabilidade social no município de Macapá**

Artigo Científico apresentado a Universidade Federal do Amapá como requisito básico a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais.

Data da defesa: 18/04/2016

BANCA EXAMINADORA

Msc. Luciano Magnus de Araújo - Orientador (Docente/UNIFAP)

Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto (Docente/ UNIFAP)

Msc. David Júnior de Souza Silva (Docente/ UNIFAP)

Resumo

Este artigo pretende discorrer sobre a atuação do movimento *hip hop* no município de Macapá-AP, destacando suas principais atividades realizadas e a sua relação com a prevenção e resgate de jovens que vivem em vulnerabilidade social. Foi necessário recorrer a dados bibliográficos para compreender as raízes desse movimento cultural que surgiu nos EUA na década de 70 e seus diversos conceitos, bem como os principais elementos que o compõe. O foco da pesquisa são as atividades artísticas realizadas no âmbito local, em áreas periféricas, inclusive em casas de internação de menores que cumprem medidas socioeducativas, e como essas práticas interferem na construção da identidade dos grupos juvenis. Portanto, trata-se de entender o movimento *hip hop* como ferramenta capaz de produzir orientações coletivas e positivas para a juventude do município de Macapá. Utilizamos a pesquisa de campo como observador participante em eventos de *hip hop*, também foram realizadas entrevistas, com perguntas abertas com integrantes do movimento e com simpatizantes desta cultura em geral.

Palavras-chave: Movimento *Hip Hop*, Jovens, periferia, cultura.

Abstract

This article will discuss the role of the hip hop movement in the town of Macapa-AP, highlighting its main activities and their relationship with the prevention and rescue of young people living in social vulnerability. It was necessary to resort to bibliographic data to understand the roots of this cultural movement which emerged in EUA in the Decade of 70 and its various concepts, as well as the main elements. The focus of the research are the artistic activities carried out under local, in peripheral areas, including juvenile detention houses that meet educational measures, and how these practices interfere with the construction of the identity of the youth groups. Therefore, it is to understand the movement hip hop as a tool capable of producing collective and positive guidance for the youth of the city of Macapa. Use the search field as participant observer in hip hop events, were also carried out interviews with open-ended questions with members of the movement and supporters of this culture in general.

Keywords: Hip Hop Movement, Young, periphery, culture

Sumário

Introdução	7
Bronx, Nova York, anos 70 - O berço do <i>hip hop</i>	7
A essência do <i>hip hop</i>	9
Os quatro elementos do <i>hip hop</i>	10
DJ (<i>Disk-Jockey</i>): A sonoridade do movimento	11
MC (<i>Master of Ceremonies</i>): Rima, denúncia e protesto	11
Break: A dança que surgiu nas ruas	12
<i>Graffiti</i> (artes plásticas): As cores nos muros das cidades.....	13
DJ + MC= RAP (Rhythm And Poetry)	14
Dos guetos nova-iorquinos para o mundo: o <i>hip hop</i> brota em terras Tucujus	15
O incentivo que vem das ruas	17
De frente com os problemas	20
Ações do <i>hip hop</i> nas casas de detenção e internação de menores infratores	22
Considerações finais	26
Referências	27

Introdução

Apesar da difícil situação que os Estados Unidos passavam na década de 70, os jovens dos guetos americanos criaram um importante movimento cultural que ganhou força na década de 80 e se espalhou para o mundo. A dança, a música e arte plástica logo se disseminaram para jovens de todo o planeta, atravessou o oceano e hoje está em muitas periferias dos quatro continentes. O movimento *hip hop* é formado por quatro elementos, que serão destrinchados no decorrer deste trabalho, sendo enfatizada a relação destes com os jovens na capital Amapaense. No Brasil, o movimento *hip hop* surge na década de 80, na região sudeste, mais precisamente na Estação de metrô São Bento em São Paulo, onde os jovens se reuniam para praticar o *break* (dança de rua). No Amapá ele também teve início em meados da década de 80, na capital Macapá, com os jovens dançando *break* nas ruas, praças e boates, o que mais tarde seria entendido como um dos elementos desta cultura. Atualmente existem vários grupos e entidades que se dispõem a fomentar a cultura *hip hop* no Estado, tem sua concentração maior nos bairros periféricos da capital. Pretendemos explicar como o movimento *hip hop* pode despertar o protagonismo juvenil através de atividades artístico-cultural e a sua relação com a mudança de comportamento da juventude urbana macapaense. Analisamos essa cultura de rua de uma perspectiva geral, observando como os elementos *Dj, Mc, Break, Graffiti* e o estilo musical *rap* podem ser um agente de inclusão e reconhecimento de jovens no meio social. A falta de apoio material e o pouco suporte financeiro por parte de governantes e empresários são analisados neste trabalho, assim como o preconceito e estigmas que integrantes do movimento *hip hop* sofre.

Bronx, Nova York, anos 70 - O berço do *hip hop*

O bairro do Bronx fica localizado na zona norte da cidade de Nova York. Na década de 70 era considerada uma das regiões mais violentas dos Estados Unidos, Sua população era constituída predominantemente por negros e imigrantes caribenhos e latinos. Naquela época, ecoava a frase: “O Bronx está queimando”, é o que explica Camilo Rocha, (2005, p. 16):

Em 1975, o Bronx era a paisagem urbana mais devastada dos Estados Unidos, com 40% de seu casario destruído ou condenado. A população havia despencado de 383.000 em 1970 para 166.000 em 1980. O lugar se tornou um cenário de prédios em chamas ou em ruínas. Gangues em constante conflito, alto número de viciados em heroína e o crime operando solto completavam o sinistro quadro.

De acordo com Andrade (1999, p. 26), “Na época questões relativas à desindustrialização, ao desemprego, aos cortes de serviços públicos de apoio e ao recrudescimento da violência urbana refletia diretamente na condição juvenil”. Uma das principais influências que os jovens negros e pobres tiveram para organizar o movimento *hip hop*¹ foi da famosa organização denominada *Black Panthers*², além de Malcon X, Martin Luther King, e outros, como diz em sua tese de mestrado Elaine Andrade, pedagoga da USP, citada por Rocha;Domenich; Casseano (2001 p. 127):

A Organização Black Panthers exercia forte influência entre os jovens negros, indicando-lhes a necessidade da organização grupal, da dedicação aos estudos e do conhecimento das leis jurídicas. Boa parte destes valores foi resgatada pelos membros do *hip hop*, para combater os abusos de poder exercido pela instituição policial contra os negros.

Em meio a esse cenário trágico e deteriorado, jovens negros do subúrbio nova-iorquino buscaram alternativas para fugir do ócio, da violência e do caos urbano, surge então, na década de 70, um dos mais importantes movimentos juvenis da atualidade, o Movimento *Hip Hop*. Segundo (ROCHA, 2001, p.17 apud VITORINO, 2008, p. 13). “uma intensa movimentação cultural surgia entre as cinzas. Paredes com assinaturas coloridas, *Djs* riscando trechinhos de discos, moleques rimando no microfone enquanto outros rodopiavam no chão”. O movimento surge nas ruas do Bronx com o propósito de levar diversão e entretenimento aos jovens e ao mesmo tempo, substituir os violentos conflitos entre as gangues por disputas artísticas, principalmente de dança de rua, onde as gangues disputavam quem dançava melhor, deixando de lado a violência.

¹ O termo *hip hop*, que significa, numa tradução literal, movimentar os quadris (to hip, em inglês) e saltar (to hop), foi criado para nomear os encontros dos dançarinos de break, DJs (disc-jóqueis) e MCs (mestres-de-cerimônias) nas festas de rua no bairro do Bronx, em Nova York. (ROCHA,DOMENICH, CASSEANO, 2001, P. 17)

² A organização Black Panthers, também conhecido como Partidos dos Panteras Negras, foi fundada em 1966 em Oakland, Califórnia, costa oeste dos EUA. Lutavam contra o preconceito, racismo e a violência policial.

De acordo com o site *Zulu Nation*³, fundado por um dos pioneiros do movimento, o aniversário oficial do hip hop é 12 de novembro de 1974. Nos primeiros anos da cultura, o movimento seguiu sem título, até Áfrika Bambaataa⁴ chamá-lo de hip hop. Áfrika Bambaataa é considerado o criador do movimento *hip hop*. Foi ele o responsável por unir os elementos que compõe esta cultura. Bambaataa conhecia bem a realidade das ruas, era membro de gangue e grande colecionador de disco. Ele percebeu que a dança, a música e o *graffiti* seriam formas eficientes de expressar os seus sentimentos (muitos de revolta e exclusão social) e diminuir as frequentes brigas entre gangues, conseqüentemente, o índice de criminalidade.

A essência do *hip hop*

De acordo com Gohn (2011, p. 05), os movimentos sociais são “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas da população se organizar e expressar suas demandas”. A população periférica, por ser menos favorecida econômica, buscou nessas atividades a paz, lazer, união entre os jovens, à inserção em um meio artístico-cultural e criar novas maneiras de escapar da miséria social. Andrade (1999, p. 26) descreve que “O *hip hop* foi criado e continua com o propósito de canalizar as energias que poderiam estar voltadas a criminalidade centralizando-as nas produções artísticas”. Porém, o movimento *hip hop* não se resume somente em dançar, grafitar, cantar e discotecar. Serve como um poderoso instrumento educativo, de incentivo cultural, de autovalorização e de prevenção contra os riscos sociais.

Quando os elementos do *hip hop* se solidificaram no sul do Bronx, a juventude trouxe para casa uma coisa maior do *hip hop*. Os jovens negros das comunidades urbanas de repente passaram a desfrutar um renascimento de ideias e trocas a respeito de suas vidas, comunidades, vizinhanças e àqueles que queriam controlá-los e desprezá-los. (IRWIN, 2006, p. 202)

³ Disponível em: <http://www.zulunation.com/hip-hop-history/>. Acesso em 25 de mar. 2016.

⁴ Afrika Bambaataa é o pseudônimo de Kevin Donovan, nascido em 19 de abril de 1957 no Bronx, Nova York. É um DJ estado-unidense e líder da Zulu Nation (organização de hip hop), reconhecido como fundador oficial do Hip Hop. Seu nome foi inspirado em um guerreiro Africano do século XIX (MOTTA e BALBINO, 2006)

É uma ferramenta de comunicação alternativa para comunidades que vivem a margem da sociedade. Para o antropólogo Júlio César de Tavares (2004 apud QUIRINO, 2008) a expansão do movimento *Hip Hop* promove “uma profunda interferência na consciência da juventude, à medida que estimula a solidariedade, a autoconfiança e a disseminação da consciência racial e social”.

A indumentária dos integrantes do movimento hip hop é específica. Calças largas, camisetas grandes, tênis, boné e touca marcam a identidade desta cultura, as tatuagens, a exaltação aos penteados afros como o Black Power e tranças também fazem parte deste estilo, além de diversos acessórios como correntes, cordões, etc.

Bem mais que a aparência e a expressão séria está a atitude dos integrantes da cultura *hip hop*. Bem mais que um mero reprodutor das atividades e expressões urbanas, os integrantes do movimento são verdadeiros educadores sociais, não de direito, mas de fato, na medida em que transmitem conhecimento tanto teórico quanto prático para a juventude periférica, que na maioria das vezes estão em situação de risco social e o acesso à educação é difícil, além de incentivar a inserção de jovens no mundo cultural, político, artístico, literário e de caráter esportivo.

Os quatro elementos do *hip hop*

Vale lembrar que antes do surgimento do *hip hop*, já existiam o que chamamos de “elementos”, os quais mais tarde fariam parte desta cultura, como explica Leal (2007, p. 32) “Os *Mc’s* existem há anos, antes mesmo do *hip hop*. Antes havia os *disc-jóqueis* ou os *DJ’s* das rádios falando: você está ouvindo tal som. A sua fala parecia um *rap*.” Antes mesmo que África Bambaataa reunir os quatro elementos, *Dj Kool Herc*⁵ já fazia suas festas no oeste do Bronx.

As expressões artísticas que constituem o movimento *hip hop*, também chamadas de “elementos”, são essencialmente quatro: *DJ (Disk-Jockey)*, *MC (Master of Ceremonies)*, *BREAK* (dança de rua) e o *GRAFFITI* (artes plásticas).

⁵ *DJ* Jamaicano que deu grande contribuição para a criação do hip hop, conhecido por usar os *Sound System*, que consistia em potentes caixas de sons que animava as festas nas ruas dos guetos de NY.

DJ (*Disk-Jockey*): A sonoridade do movimento

A figura do *DJ* vai de encontro ao surgimento do rádio (1921-22) nos EUA. Locutores da época, que podem ser considerados os primeiros *DJs*, entretinham o ouvinte intercalando conversas com seleções musicais nos toca-discos – isso quase meio século antes de terem surgido os aparatos tecnológicos que impulsionariam o movimento nos anos 70. Na Era do Rádio, os *DJs*, ainda desprovidos de equipamento adequado, animavam festinhas caseiras e bailes de formatura selecionando os hits da estação (LEAL, 2007).

Kool Herc é considerado o primeiro *DJ* de *hip hop*. Levou consigo da Jamaica para o Bronx as inovações que impulsionaria a criação desta cultura de rua, servindo ele de espelho para o também Dj África Bambaataa. Herc animava as chamadas *Block Parties*, que eram festas ao ar livre que aconteciam nas ruas de Nova York.

Nessa época, o *Dj* usava a seguinte técnica: com dois toca-discos e dois vinis com mesma música, ele escolhia a música a ser tocada e a parte principal desta música, geralmente a parte instrumental. Tocava o trecho escolhido e quando este trecho estava acabando, tocava o mesmo trecho só que em outro vinil, fazendo com que a batida ficasse constante, passando de alguns segundos para minutos. A junção desses trechos tocada de forma alternada ficou conhecida como *Breakbeat* (batida quebrada). O *DJ* é responsável pela sonoridade do *hip hop*, pela batida tocada para o *Mc* declamar sua poesia e pela música tocada para o *B.boy* dançar. Alguns equipamentos usados pelos *DJs* são *mixer*, *pick-ups* e vinis, além de usarem técnicas como o *Scratch*⁶, *samplers*⁷, etc.

MC (*Master of Ceremonies*): Rima, denúncia e protesto

No âmbito do *hip hop*, o *Mc* teve sua origem na Jamaica, onde os músicos cantavam em cima dos ritmos de reggae. Desembarcou na América com a imigração

⁶ Foi criado acidentalmente por um norte-americano de 9 anos chamado Grand Wizard Theodore. Consiste em um tipo de “aranhão” de trás pra frente feito no vinil, no qual produziu um som que foi aperfeiçoado por outros *DJ*.

⁷ Copiar um trecho de uma música para ser usado em outra.

jamaicana, tendo sua adaptação com os *DJs* locais. No início, o *Mc* era um indivíduo que animava as festas dizendo frases e bordões que agitava o público. Era também o *Mc* que dava as boas vindas para as pessoas e apresentava os eventos. Kool Herc assumia a dupla função de *DJ-MC*.

Nessa cultura urbana, o *Mc* é o cantor de *rap*, ele relata através de rimas suas inquietações, os problemas sociais e o cotidiano da periferia, também conhecido como *Rapper*, denominação usada para quem faz letras de *rap* mais contundentes e elaboradas. As letras são politizadas, de autovalorização, de animação e por vezes românticas, todas com gírias e linguagem e realidade das ruas. Entre os *Mc's* existe o chamado *Freestyle*, que são disputas de rimas, onde os versos são improvisados e vence quem tiver a melhor sequência de rimas. Alguns *Mc's* fazem o *Beatbox*, que é a imitação dos sons de bateria usando a voz, boca e cavidade nasal, também se imita diversos efeitos sonoros.

Break: A dança que surgiu nas ruas

Break e *hip hop*, eis um grande conflito entre estes conceitos. Muitos confundem o termo *hip hop* com o *break* e não sabem distingui-los, acham que o *hip hop* limita-se somente na dança. Comumente ouve-se a expressão “dançar *hip hop*”, ao invés de “dançar *break*”. O *break* também está inserido dentro da cultura *hip hop*, é um dos quatro elementos que a compõe.

A prática do *break* surgiu em meados da década de 70 no Bronx. A origem do nome *break* vem do inglês (“quebrar”). Este nome foi dado aos indivíduos que dançavam ao som do *breakbeat* feito pelos *Djs*. “Alguns se assemelham a movimentos robóticos, e outros desafiam a capacidade do corpo humano e as leis da Física, em abusados giros de costas e de cabeça, saltos mortais e outras façanhas” (YOSHINAGA, 2001, p.12)

O praticante do *break* se chama *Break Boy*, mais conhecido como *B.Boy*, ou seja, *Boy* (garoto) que dança ao som da *Break* (batida) tocada pelo *Dj*. *B.Girl* é a denominação usada para o gênero feminino. Os primeiros *b.boys* foram membros de gangues de Nova York e Los Angeles. Esse foi um dos primeiros elementos da cultura *hip hop* a fazer com que os jovens trocassem os conflitos sangrentos entre as gangues rivais pelas emblemáticas batalhas de dança. É uma dança com

característica de esporte: em primeiro lugar, exige do dançarino bom condicionamento físico e equilíbrio mental. A forma física é imprescindível para a realização dessa modalidade, visto que os movimentos são semelhantes aos da ginástica artística e o da capoeira. As batalhas de danças acontecem geralmente em rodas, onde os dançarinos esperam a vez pra dançar e assim proporcionam a disputa. Os grupos de *b.boy's* são chamados de *Crews*, substituindo as famosas gangues, dando espaço para outro agrupamento agora com boas intenções. Essas *crews* promovem as disputas da dança de rua, formando assim um grande espetáculo, além de promoverem debates, organizarem palestras e atividades referentes ao *hip hop*.

Graffiti (artes plásticas): As cores nos muros das cidades

O *graffiti* no âmbito do *hip hop* é uma arte essencialmente urbana. É incorporado a esta cultura por África Bambaataa quando reuniu os quatro elementos. Nas ruas das grandes metrópoles ele surgiu como forma de protesto pela paz e pela demonstração de sentimentos. O jovem americano chamado Demetrius foi o responsável por iniciar esse tipo de escrita como arte urbana. "Taki" era o apelido do jovem Demetrius e 183 era o número da rua onde morava, daí fez a junção de seu apelido com o número de sua rua ficando *Taki 183*, espalhava seu apelido por onde passava, deixando-o registrado nas paredes. Logo surgiram outros jovens fazendo suas assinaturas em vários cantos do país. Surgiram os *Tags*, uma espécie de assinatura deixada pelo grafiteiro, para deixar uma marca registrada, uma marca própria.

O *graffiti* viajou ao longo dos anos arrebatando para si novos adeptos, responsáveis por sua diversificação de estilos. Atualmente ele vem com outras configurações e tecnologias. São usadas novas técnicas de desenhos e pinturas. Existem vários estilos de *graffiti*, como frases com letras garrafais, desenhos, paisagens e o 3D. O grafiteiro é considerado um autêntico artista de rua.

Graffiti é a expressão plástica, representada por meio de desenhos, apelidos ou mensagens sobre qualquer assunto, feitas com spray, rolinho e pincel em muros ou paredes. Sendo considerado por muitos uma forma de arte, diferente do "picho", que têm outra função de apenas deixar sua marca, o grafite é usado por muitos como forma de expressão e denúncia (SOUZA; FIALHO; ARALDI, 2005, p. 14 apud VITORINO, 2008 p. 11)

Há uma diferença entre o *graffiti* e a pichação. Enquanto que a pichação é uma ação ilegal, feita com características delinquentes e sua prática constitui crime, o *graffiti* é usado de forma diferente como para revitalizar a cidade e promover a arte nos patrimônios públicos. A lei nº 12.408, de 25 de maio de 2011⁸ dispõe que a prática do *graffiti* não caracteriza crime, desde que permitida pelo proprietário do imóvel ou responsável pelo órgão público ou lugar a ser grafitado.

DJ + MC= RAP (Rhythm and Poetry)

Esta expressão artística do *hip hop* tem mais notoriedade do que as outras, devido a grande divulgação midiática e pela indústria fonográfica comercializar e disponibilizar milhares de músicas do gênero *rap* no mundo todo. Outro problema, igual ao que já foi comentado sobre o *break*, acontece também com o *rap*. Muitas pessoas confundem essas denominações, usando-as de forma errada como, por exemplo: você canta *hip hop*? Pois bem, a grande diferença é que o *rap* está inserindo dentro do *hip hop*. Enquanto o movimento *hip hop* é uma cultura formada por quatro elementos (*Dj*, *Break*, *Mc* e *Graffiti*), o *rap* deriva de 2 destes elementos, surgindo da junção do *Dj* e do *Mc*.

Rap é uma sigla que significa *Rhythm And Poetry* (ritmo e poesia, na tradução literal). Tradicionalmente é a junção da batida tocada pelo *Dj* e a poesia declamada pelo *Mc*. É o chamado canto falado. O *rap* é um mecanismo de intervenção por meio de práticas discursivas e musicais que valorizam a informação e o autoconhecimento.

No movimento *hip hop*, tradicionalmente as poesias são cantadas por *Mc's* na batida que o *DJ* toca, são chamados de grupos de *rap*, raramente se ver bandas de *rap* formada por vários instrumentos musicais, o que predomina são os grupos. É bem mais acessível à formação de grupos do que bandas, pois as bandas necessitam de instrumentos musicais e os instrumentos são caros e requerem grandes investimentos. Os grupos são formados na maioria por homens, porém, as mulheres vêm ganhando espaço no cenário do *hip hop*.

⁸ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm> Acesso em 05 de abr. de 2016.

Na música *rap* a mensagem tem um cunho pessoal, por isso os *Mc's* optam por não cantar músicas de outros *Mc's*, mesmo que estes tenham alcançado destaque na indústria fonográfica. “A atitude *cover* é na visão dos *Mc's* um indicativo da incapacidade em construir uma mensagem própria” afirma Andrade (1999, p. 31). Vemos que essa é uma característica que diferencia esse estilo musical de outros. Nos eventos de *rap*, os grupos sempre cantam músicas autorais, muitos com arranjos produzidos pelos próprios integrantes, outros com batidas adquiridas pela internet. Os *rappers* fazem leitura, politizam-se e instruem-se para poder criar suas letras. O *rap* é um gênero musical que permite abordar vários temas, na sua maioria, polêmicos, entre eles a violência policial, a discriminação, o racismo, a pobreza, apresentam questionamentos e soluções para esses e outros problemas. Existem vários estilos de *rap*, como o tradicional protesto, o politizado, o gospel, o romântico, o *gangster*⁹, etc. Na capital amapaense, os *rap's* são gravados em sua maioria em estúdios independentes que trabalham especificamente com esse gênero musical, como o estúdio “Nois pur Nois Rec.” e o “Sanatorium”, ambos organizados pelos *Mc's* RJ e Garrote, respectivamente, que também fazem parte do movimento *hip hop*.

Dos guetos nova-iorquinos para o mundo: o *hip hop* brota em terras Tucuju

O *hip hop* surge no Estado do Amapá, na capital Macapá, na década de 80, assim também como em outras regiões do Brasil. O município de Macapá está localizado na região sudeste do Estado e fica no lado esquerdo do Rio Amazonas, onde está situada a maior fortificação da América Latina, a Fortaleza de São José de Macapá. Sua população é de 437.256 mil habitantes, segundo a estimativa feita pelo IBGE em 2013. O termo *Tucuju* era atribuído à tribo indígena que ocupava as terras que hoje compreende o atual Estado do Amapá. A denominação *hip hop Tucuju* é uma analogia feita para designar o *hip hop* praticado por jovens no município macapaense. De acordo com a lei 12.852 de 05 de agosto de 2013¹⁰, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove)

⁹ Estilo de *rap* caracterizado por letras agressivas e que por vezes faz apologia às drogas e violência.

¹⁰ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em 18 de fev. de 2016.

anos de idade. Porém, no contexto deste trabalho, vamos citar a palavra “jovem” em diversas ocasiões por designar a maioria dos integrantes do movimento *hip hop* e também pelo público que atinge, ressaltando que esta cultura envolve indivíduos com outras idades. O elemento *break* foi a primeira expressão artística do *hip hop* a surgir no município de Macapá, porém, os próprios praticantes do *break* não sabiam que ele fazia parte desta cultura de rua, era apenas uma questão de dança mesmo: “Naquela época, a galera não tinha consciência do *hip hop*, era mais questão de afirmação de jovens através da dança. Não tinha essa principal característica do *hip hop* que é a consciência”(Informação Verbal)¹¹. No início, ainda nos relatos dos entrevistados, o *break* era chamado de “Bleik” ou “dança de rua”. Embalados pelos *hits* do cantor Michael Jackson nos anos 80, muitos jovens se inspiravam em seus passos e coreografias, como *Moonwalker*¹², para praticar o *break*. Um dos primeiros grupos de dança a surgir em Macapá foi o chamado “Os cobras Verdes”. As primeiras rodas de *break* aconteceram nas praças da capital, como a Praça Isaac Zagury (atual praça do côco) e Praça da Bandeira, ambas localizadas no Bairro Central. Alguns lugares como Trem Desportivo Club e Star Night Club eram frequentados por dançarinos dessa época.

Em um momento em que a internet não fazia parte do cotidiano dos Amapaenses, a TV (filmes e novelas), as fitas K7 (áudio) e VHS (vídeo), revistas e jornais serviam como meio de informação e disseminação da cultura *hip hop* no Estado. De acordo com as palavras do *rapper* Poca, um dos fatores que também contribuiu para o surgimento do *hip hop* no município foi a criação da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana (ALCMS), no início da década de 90. O intenso fluxo migratório ocasionado pela grande oferta de emprego e pela esperança de uma vida financeira estabilizada acarretou um grande inchaço populacional, o que fez a pobreza, a violência, o desemprego, a ocupação desordenada e outros problemas sociais se intensificassem. Jovens vindos de outros Estados, como Pará e Maranhão, também ajudaram a fomentar a cultura no município, é o caso dos *B.boy's* Amina e Billy, que foram uns dos pioneiros do *hip hop* no Estado. Foi a partir da década de 90, com a criação do Movimento Hip Hop Cultural do Amapá - MHCA que o movimento se organizou como entidade, englobando os quatro elementos.

¹¹ Entrevista feita pelo autor com o *rapper* Poca, formado em comunicação e bacharel em jornalismo, e que faz parte do grupo Afro Ritmos, no dia 14 de novembro de 2015, Amapá/Brasil.

¹² Passo de dança que consistia em “andar pra trás deslizando” como se estivesse flutuando.

O primeiro grupo de *rap* a surgir em Macapá foi o chamado Clã Revolucionário Guerrilha Verbal – CRGV, em 1999, formado por Poca, Emerson, *DJ* Morte e eu. Nós ensaiávamos em minha casa, no bairro Jesus de Nazaré. Fazíamos música de protesto, depois vieram outros grupos como Relatos de Rua, Função Real, Máfia Nortista. (Informação Verbal)¹³

O *hip hop* amapaense não é um simples processo de assimilação da cultura norte americana. Ele tem suas peculiaridades e adaptações, como afirma ainda o entrevistado Poca: “O *hip hop* é um cultura híbrida, aonde ele chega ele tem que se adaptar. Aqui no Amapá não é diferente, a gente vai fazer rap com marabaixo¹⁴, com batuque, vai falar das nossas áreas de baixadas, da gengibirra¹⁵, do tucupi¹⁶”. O palavreado caboclo, as gírias nortistas, a vestimenta adequada ao clima quente também fazem parte dessa adaptação.

O movimento *hip hop* em Macapá tem grande participação nas áreas periféricas como pontes e baixadas (vistas como lugares de risco social), por ter uma aceitação maior pelos jovens, pois geralmente está relacionado com alguma situação cotidiana da periferia, tanto nas músicas (*rap*) quanto na arte (*graffiti*) e na dança de rua. A maioria dos integrantes do movimento é do sexo masculino, porém com participação também de adultos, mulheres e crianças. Nos últimos anos, a presença de mulheres no movimento vem crescendo. *Mc's*, *B.Girl's*, *Dj's*, Grafiteiras e militantes que promovem eventos e debates se destacam no cenário local, apesar de ser um número bem reduzido em relação aos homens. Um exemplo da atuação de mulheres no *hip hop* foi o evento denominado Resistência Suburbana, realizado no dia 22 de fevereiro, avento este, que foi idealizado somente por mulheres e que contou com a atuação dos quatro elementos.

O incentivo que vem das ruas

Pelo forte poder atrativo, observou-se que o movimento *hip hop* consegue despertar a atenção e olhares fascinados de inúmeros adolescentes e crianças, seja pela indumentária, pelas atividades artísticas e culturais, pela prática discursiva ou

¹³ Entrevista concedida pelo *rapper* Sidcley Castillo, em 16 de fevereiro de 2016, Amapá/Brasil.

¹⁴ Manifestação cultural praticada por remanescente de escravos africanos e quilombo, que compreende a dança feita aos sons dos tambores.

¹⁵ Bebida feita a base de gengibre e álcool, um dos principais elementos das festas de Marabaixo.

¹⁶ Sumo amarelado extraído da mandioca muito usado na culinária nortista.

pelas atitudes dos integrantes. Partindo desta análise, percebemos que o contato com esta cultura, e através da dinâmica e energia que ela proporciona, incentiva muitos adolescentes a querer participar também do *hip hop*, seja no passo tímido de *break*, na rima improvisada do rap, nos desenhos nas paredes com spray ou na atuação como DJ.

Eu estava muito envolvido na malandragem e fazendo coisas erradas. Nunca pensei que alguém daqui de Macapá fosse capaz de fazer *rap* e quando eu vi isso me incentivou. Deixei de lado a malandragem e comecei a escrever e focar no *rap*, fui me envolvendo cada vez mais e isso ia ocupando minha mente e também me incentivou a estudar e ter conhecimento das coisas pra não falar merda e fazer um *rap* maneiro, hoje isso faz parte de mim. [...] acredito que as letras de *rap* podem ajudar muitas pessoas, assim como me ajudou. (Informação Verbal)¹⁷

Imagem 1: Oficina de DJ para jovens da periferia.



(Fonte: o autor, fevereiro de 2016)

Não se pode falar de juventude sem se falar de diversão, lazer. O *hip hop* proporciona isso. Observamos a grande importância do movimento que, além de diversão e entretenimento, incentiva os jovens a entrar em mundo cultural, literário, esportivo. Promove o protagonismo juvenil, por meio dessas atividades e desenvolve ações voltadas para o enfrentamento a toda e qualquer forma de preconceito, discriminação, racismo e suas formas correlatas. A mensagem que chega é mais

¹⁷ Entrevista feita pelo autor com César Gabriel, 20 anos, que hoje faz parte do movimento como *MC*, o dia 18 de fevereiro de 2016, Amapá/Brasil.

abrangente e direta, pois é feita de jovem para jovem, e estes falam a mesma língua no âmbito urbano, nas gírias e dialetos, e tem em comum as mesmas inquietações. “O movimento *hip hop* mudou minha vida de fato, houve uma mudança de comportamento. Quem conhece o *hip hop* passa por uma mudança de mente, e através disso eu cresci muito enquanto mulher e dançarina”. (Informação Verba)¹⁸

Os quatro elementos do *hip hop* atuam de diversas maneiras no município de Macapá. Os bairros do Congós (zona sul), Marabaixos I, II e III (zona oeste) e Centro são onde frequentemente acontecem eventos de *hip hop*. O *break* tem um caráter esportivo, onde os jovens que o pratica tem que ter um condicionamento físico digno de um atleta e tem a preocupação de disseminar a importância do não consumo de álcool, cigarro e outras drogas lícitas e ilícitas que prejudicam a saúde. A concentração e treino dos dançarinos de rua são geralmente em praças, centros comunitários, escolas ou associações, em Macapá, frequentemente fazem apresentações em frente à Casa do Artesão na Praça Beira Rio. No caso do *rap*, a literatura entra em cena. Os jovens que cantam *rap* tem a preocupação de estar bem informados para fazer suas letras, pois diversos temas são abordados. Os eventos são chamados de “Baile Rap”, onde os grupos fazem suas apresentações, acompanhados do *DJ* com todos os seus equipamentos. Os bailes rap são geralmente organizados pelos próprios *Mc's*, às vezes na casa de algum integrante do movimento ou em locais cedidos por outros movimentos culturais, às vezes em praças e poucas vezes recebem incentivo do poder público. O público jovem é fiel e em grande quantidade nos eventos. Nas ruas de Macapá o *graffiti* está sempre presente, seja em muros de residências, casas abandonadas ou até mesmo em prédios públicos. A mensagem é sempre colorida e cheia de vida, causando a surpresa dos cidadãos. Ex pichadores adotam o *graffiti* como arte, por ser legalizado, além de gerar uma renda extra.

Graffiti é arte. É vandalizado por algumas pessoas que não tem o conhecimento, mas grafite é engajamento, é ativismo. A gente procura na nossa arte, na nossa intervenção urbana fazer o melhor que a gente sabe, então a gente procura passar uma mensagem para a sociedade que por mais que seja uma cultura marginalizada, o *hip hop* tá aqui pra revitalizar a cidade e passar uma mensagem positiva para as pessoas. (Informação Verbal)¹⁹

¹⁸ Entrevista feita com *B.Girl* Fanny, no dia 20 de fevereiro de 2016.

¹⁹ Entrevista concedida para o autor pelo grafiteiro Crazy, no dia 21 de dezembro de 2015, Amapá/Brasil

Imagem 2: *Graffiti sendo feito nas ruas de Macapá.*



(Fonte: Arquivo pessoal, Severino Filho, 2015)

De frente com os problemas

De acordo com o blog do jornalista João Bolero Neto²⁰, a maioria das mortes violentas em Macapá está relacionada com jovens do sexo masculino, que abrange assassinato por armas de fogo, paulada, e arma branca. Crimes como tráfico de drogas, assalto e furtos também são noticiados quase que diariamente nos telejornais da capital amapaense.

O movimento *hip hop* traz a tona essa triste realidade nos debates e oficinas que promovem. Seja nas letras de *rap*, nas expressões do *graffiti* ou na atitude desses jovens, esses temas são abordados de forma a conscientiza-los. Uma das questões levantadas pelos próprios integrantes do *hip hop* é a falta de apoio do governo e dos órgãos de cultura para realizar suas atividades, faltam mais investimentos. Ainda nas palavras da *B.Girl Fanny*: “se os políticos soubessem o poder que o *hip hop* tem, eles investiriam muito mais e assim evitaríamos muita coisa como gravidez na adolescência, a prostituição e problemas com os pais”. O evento Batalha Amapá, que contempla os quatro elementos, por exemplo, é dos maiores eventos da região norte e que também é internacional, que conta com participação de integrantes da Guiana Francesa, Argentina, EUA, França, Espanha

²⁰ Disponível em: <<http://joaoboleroneto.blogspot.com.br/>>. Acesso em 17 de fev. de 2016.

Guiana Inglesa, etc. O evento, que tinha em seu calendário a edição anual, deixou de acontecer nos anos de 2011, 2012, 2013 e 2014. Em depoimento o B.boy Spaik, ele afirma que: “o governo e empresários preferem investir em shows e micaretas que investir em eventos de *hip hop*, que pregaria a consciência, a solidariedade e a paz”. (informação Verbal)²¹

De acordo com relatos dos militantes do movimento, na entrevista feita pelo autor, a falta de apoio se estende há anos. Não existe política efetiva para o *hip hop*. Existem políticas de governo, que em um mandato pode ter, em outro não. Poca ainda explica que: “Hoje nós temos plena convicção de que onde o Estado não atua o *hip hop* atua, no sentido da reintegração de jovens que vivem em situação de risco social”. Isso nos faz entender que o movimento *hip hop*, em certas ocasiões faz o papel do que deveria ser feito pelo Estado. Como o poder público não atinge totalmente a população, principalmente a que vive na periferia, o movimento tem um papel importante quando se trata de prevenção e, em certos casos, de resgate de jovens.

Mas por que apoiar um movimento social que faz vários questionamentos e duras críticas ao próprio sistema de governo? Talvez a resposta a essa pergunta sirva para esclarecer a falta de apoio ao movimento *hip hop*. Os integrantes sofrem diversos preconceitos e estigmas. Por falta de conhecimento, muitas pessoas relacionam a cultura com a incitação ao crime e uso de drogas. Denominações como “música de marginal”, “coisa de vagabundo” ainda são muito direcionadas aos adeptos desta cultura. Pelo forte caráter contestador das letras de *rap*, o preconceito se acentua ainda mais, pois muitas dessas músicas vêm carregadas de protestos e indignações, com temas fortes e palavreado periférico. De acordo com relatos de muitos integrantes do movimento, eles sofrem preconceitos pela própria família, principalmente quando começam a se envolver com o *hip hop*. O entrevistado Poca afirma ainda que:

O hip hop é um movimento de resistência, denúncia, protesto. Então todo aquele movimento, toda aquela situação em que há contestação, em que há um questionamento, uma indagação ela vai sofrer preconceito até porque quem faz esses questionamentos são jovens marginalizados, negros, pobres, periféricos, indígenas. (Informação Verbal)

²¹ Entrevista realizada pelo autor com o B.boy Spaik, do grupo de dança Estilo Negro, no dia 12 de fevereiro de 2016, Amapá/Brasil.

Ações do *hip hop* nas casas de detenção e internação de menores infratores

Mesmo sendo direcionado a vários públicos e faixa etária, o *hip hop*, atinge diretamente muitos jovens e adolescentes, seja nas periferias da capital, nas ruas, no meio midiático ou até mesmo dentro de presídios ou casa de internação de menor. Mesmo com as adversidades enfrentadas pelos integrantes do movimento, ainda reside neste a esperança de conseguir um futuro melhor através das atividades do *hip hop*. É o que argumenta o *Mc Nata VL*²², na entrevista dada ao autor deste trabalho “Apesar do mundão está ai cabuloso, louco, destrutivo, o *rap* influencia você a não parar, a você correr, lutar, apesar dos pesares, apesar de todas as dificuldades existentes, impostas”.

Para os militantes do movimento, o *hip hop* proporciona a mudança no comportamento da juventude e conseqüentemente de uma parte da sociedade. Modifica a conduta do indivíduo, pois o movimento prega a paz e trilhar pelo caminho certo. Proporciona transformações socioculturais e na personalidade do indivíduo. Muitos Jovens infratores e praticantes de crimes passam a ser verdadeiros professores nesse processo de ensino não formal. Com a facilidade de atrair outros jovens, muitos deles ainda crianças, os militantes do movimento se esforçam para fazer uma mudança positiva com o trabalho social. A conduta que é repassada é bastante interessante, pois pregam a não violência, incentiva os estudos, a não utilização de drogas e o respeito aos pais e familiares.

O *rapper Nata VL* explica como conheceu a cultura *hip hop* e como trouxe mudança positiva em sua vida:

Minha história dentro do movimento foi a partir de uma tragédia, eu tinha um irmão mais novo que foi assassinado, isso me levou a querer o sentimento natural de justiça, eu fiz a minha justiça própria e fui parar dentro de um presídio, onde lá eu comecei a ouvir a primeira vez os versos libertários. Fui absolvido, e quando sai doído pra procurar “catar”²³ o *rap*, quem é que tem esse barato que fala tanta coisa revolucionária, tanta coisa que liberta que faz você pensar. [...] eu vejo que o *hip hop* hoje transforma a vida da juventude, e eu sou um exemplo de resgate pelo movimento *hip hop*.
(Informação Verbal)

²² Entrevista realizada com o *rapper Nata VL*, no dia 05 de novembro de 2015, Amapá/Brasil.

²³ Adquirir, conseguir algo.

Imagem 2 : Mc Nata VL dialogando com os detentos do IAPEN



(Fonte: arquivo pessoal, Natanael Brito, 2013)

Os programas de ressocialização compreendem várias atividades culturais e práticas esportivas. As medidas socioeducativas visam regenerar os jovens “indisciplinados” para o convívio social, além de proporcionar lazer, motivar a prática de esportes e conscientizar sobre os problemas na sociedade.

O *hip hop* por ser uma cultura marginalizada tem certa facilidade de dialogar com indivíduos em conflito com as leis e em situação de risco social, alguns cumprindo medidas socioeducativas. O movimento vai a lugares em que muitos não querem ir, leva suas atividades, aconselhamentos e ensinamentos onde muitos seguimentos culturais não querem levar.

Aconteceram várias apresentações dentro do Instituto de Administração Penitenciária do Estado do Amapá (IAPEN), Centro Socioeducativo de Internação (CESEIN), onde estão jovens homens de 12 a 21 anos sentenciados pelo sistema de justiça, e do Centro de Internação Provisória (CIP), onde estão jovens com custódia provisória até 45 dias. Mensagens através das atividades do *hip hop* foram levadas para os internos e reeducando, mesmo sem a devida estrutura dada. Dentro do movimento observou-se que há uma atitude forte entre os jovens em relação aos problemas sociais, apesar de ter exemplos de integrantes que já se envolveram com crimes ou contravenções penais. As atitudes que antes eram usadas de forma errada, hoje são direcionadas para as atividades positivas do *hip hop*.

Em maio de 2015, o movimento *hip hop* esteve dentro do Centro de Internação Provisória – CIP, no bairro Novo Buritizal, também conhecida

popularmente como “de menor”. O convite foi feito pelos coordenadores do projeto SEGRESV²⁴ do Governo do Estado em parceria com a Polícia Militar, TJAP²⁵ e ALAP²⁶. O *break*, o *Graffiti*, o *DJ* e o *rap* estiveram se apresentando e dialogando com cerca de 40 internos que ficaram sentados com olhares atenciosos para as atividades realizadas. De acordo com a matéria do jornal de circulação local, A Gazeta, o projeto visa socializar e reeducar jovens infratores:

Hoje, na quadra do CIP, a programação deu continuidade com a apresentação do grupo de rap Relatos de Rua – que apresentou depoimentos sobre superação e mostrou como a música ajudou a afastar muitos jovens da criminalidade. O menor W.B. que está há 25 dias no CIP mostra-se muito confiante em sua ressocialização: “Tenho esta chance de mudar e dar orgulho aos meus pais. Estou gostando muito de todas essas atividades e voltarei a estudar”. (Trecho da matéria do Jornal A GAZETA, exibida em maio de 2015)²⁷

Segundo o depoimento de um interno RC²⁸, “eu gostaria de participar do movimento *hip hop*, quero aprender a dançar *break* quando ganhar a liberdade”. Disse também que estava empolgado e que queria praticar o mais rápido possível. Observou-se neste momento a grande oportunidade da mudança de comportamento de alguns menores infratores através da cultura *hip hop*.

No depoimento da entrevistada, Mc Cleide²⁹: “Infelizmente a gente não pode fazer a mudança na vida das pessoas cem por cento. Um interno que estava afoito lá, dizendo que queria fugir, acabou saindo e morreu trocando tiro com o BOPE”, entende-se que o *hip hop* transmite e incentiva a atitudes positivas e leva um universo cultural aos menores reeducando. O *hip hop* é uma importante ferramenta utilizada na ressocialização de jovens, porém alguns fatores podem ser necessários para que tal mudança aconteça como a condição estrutural em que vivem, a forma de tratamento que recebem, o apoio da própria família, etc, isso também acontece com jovens nas ruas, que estão em liberdade. Ainda nas palavras da Mc Cleide Queiros:

²⁴ Segurança Resgatando Valores

²⁵ Tribunal de Justiça do Amapá.

²⁶ Assembleia Legislativa do Estado do Amapá.

²⁷ Disponível em <<http://www.jornalagazeta-ap.com.br/noticia/576/jovens-infratores-fazem-parte-do-novo-projeto-de-reabilitacao-do-gea-e-parceiros..html#.VrQPRkBmq1g>>. Acesso em 12 de jan. de 2016.

²⁸ Nome fictício do reeducando.

²⁹ Entrevista concedida para o autor com a *rapper* Cleide RDR, no dia 11 de fevereiro de 2016, Amapá/Brasil.

Eu tive a oportunidade de conversar pessoalmente com um reeducando, só nos dois, e ele chegou comigo e disse: “pô Cleide, gostei da ideia de vocês, eu nunca tinha ouvido assim por esse lado e hoje eu compreendi algumas coisas que eu não compreendia e eu quero mudar, quero ser diferente, quero estudar, quero dar orgulho pra minha mãe, eu gosto de rap e quem sabe eu possa até estar cantando também, eu gosto de escrever, eu “to” desenrolando umas letras, quando eu sair daqui, vou falar pra minha mãe que quero voltar a estudar, vou procurar um emprego e não quero mais essa vida”. (Informação Verbal).

Imagem 3 : B.Boys interagindo com os reeducando do CIP



(Fonte: o autor, Maio de 2015)

O *hip hop* tem uma longa trajetória de trabalhos sociais que envolvem a juventude, em especial a juventude carcerária, como explica B.Boy Spaick para o autor: “O *hip hop* através da sua arte chega dentro de uma casa de internação e passa para o jovem o diferencial de ver que mesmo com todas as dificuldades os jovens podem reconstruir um futuro melhor pra si mesmo”. (Informação Verbal). Já o *rapper* Nata VL afirma que: “o *hip hop* te influencia a vencer pelo certo, sem passar por cima de ninguém, sem atrasar o lado de ninguém, ele faz você ser merecedor pelos próprios esforços, tá ligado?” (Informação Verbal). Entende-se que, essa manifestação cultural juvenil, mesmo sendo marginalizada por uma sociedade moralista e sofrendo vários tipos de preconceitos, ela propõe a construir formas de sociabilidade menos violentas.

O movimento resiste, mesmo com todas as dificuldades encontradas. Jovens fazem a arte por amor, respiram *hip hop*, uma cultura de rua autossuficiente que renasceu das cinzas para ser o modo de vida de muitos jovens no mundo todo.

Considerações finais

Mas de fato, o *hip hop* salva? De acordo com os dados coletados nas entrevistas, observações e experiências vividas, entende-se que o movimento *hip hop* disponibiliza vários meios para que mudança positiva aconteça, através das atividades dos quatro elementos, mesmo sendo por muitos estigmatizados e mal interpretados pela sociedade.

Exemplos claros foram entrevistados e exemplificados. Jovens que conheceram o *hip hop* nas ruas e outros privados de liberdade optaram em mudar de vida a partir desse contato.

Tira-se a conclusão de que o movimento *hip hop* tem um papel muito importante na prevenção e resgate de jovens que vivem em situação de vulnerabilidade social no município de Macapá. Uma cultura que além de levar a diversão, leva consigo a conscientização e direciona a juventude a trilhar caminho contrário da criminalidade através das práticas artísticas. Nas ruas, nas baixadas ou até mesmo dentro de presídios e casas de reabilitação de menores o *hip hop* leva esperança, informação e autoestima a juventude. O discurso do *hip hop* influencia a fazer o certo, essa é a lei, como os próprios integrantes dizem. Mesmo sem nenhum treinamento formal e específico, sem remuneração, com pouco incentivo e até correndo risco por adotarem esse estilo de vida, os integrantes do movimento criaram uma conduta positiva para melhorar suas próprias vidas e as do que estão em sua volta. Pode não ser de forma imediata e também não atingir todos os indivíduos envolvidos, mas os que conseguem absorver a mensagem do *hip hop* apresentam uma mudança significativa de comportamento.

Não é só questão de estética, entretenimento e diversão, a conduta repassada faz a diferença na vida dos jovens, de fato. Compositores, poetas de rua, dançarinos de *break*, artistas plásticos, revelam a esperança de um mundo melhor, demonstrando a indignação em relação à condição de vida e falta de oportunidade da juventude negra e periférica.

O Projeto de lei 122/09 da Câmara Municipal de Macapá (CMM) dispõe sobre a criação do Dia do *Hip Hop* no Município de Macapá, que será celebrado sempre no dia 20 do mês de novembro, na mesma data do dia Nacional da Consciência Negra.

Referências

ANDRADE, Elaine Nunes de. Rap e educação, rap é educação. São Paulo: Summus, 1999.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: Informação e documentação: formatação: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 6023: Informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002. 24p.

_____. NBR 6028: Informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. NBR 10520: Informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da juventude. Brasília, 05 ago. 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em 17 de fev. de 2016.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. Rev. Bras. Educ. vol.16 nº. 47. Rio de Janeiro maio/ago. 2011 – Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782011000200005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 22 de dezembro de 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Perfil dos Estados <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ap>>. Acesso em 10 de jan. de 2016.

IRWIN, Willian. Hip hop e a filosofia. São Paulo: Madras, 2006.

LEAL, Sérgio José de Machado. Acorda hip-hop! : despertando um movimento em transformação. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

MORENO, Rosangela Carrilo. ALMEIDA, Ana Maria F. O engajamento político dos jovens no movimento *hip-hop*. Rev. Bras. Educ., Abr 2009, vol.14, no.40, p.130-142. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782009000100011>. Acesso em: 20 de maio de 2012.

MENEZES, Jaileila de Araújo. COSTA, Mônica Rodrigues. Desafios para a pesquisa: o campo-tema movimento hip-hop. *Psicol. Soc.*, Dez 2010, vol.22, no.3, p.457-465. ISSN 0102-7182. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S010271822010000300006&lng=pt&nrm=iso>>. Acesso em: 02 de maio de 2012.

MOTTA, A.; BALBINO, J. Hip Hop a Cultura Marginal: do povo para o povo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte: RN, 2006.

NETO, João Bolero. BOLERO NETO - Repórter Policial, Macapá 15 fev. 2016. Disponível em: <<http://joaoboleroneto.blogspot.com/>>. Acesso em 23 de fev. de 2016.

QUIRINO, Flávia Valéria. Mediador cultural: o movimento hip hop e a formação para a cidadania. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 28 a 30 de maio de 2008. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil, 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14526.pdf>>. Acesso em: 28 de novembro de 2011.

ROCHA, Camilo. Hip hop. Rev. Super Interessante. Coleção para saber mais. 32ª Ed. São Paulo: Editora Abril, 2005.

ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. Hip Hop - A periferia grita. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. Disponível em: <http://novo.fpabramo.org.br/uploads/hip_hop.pdf>. Acesso em 02 fev. de 2016.

VITORINO, Sônia Maria Batista. Hip Hop na Escola. Universidade Estadual de Maringá, 2008.

VALENA, Alice. Jovens infratores fazem parte do novo projeto de reabilitação do GEA e parceiros. A Gazeta, Macapá, 27 maio 2015. Disponível em: <<http://www.jornalagazeta-ap.com.br/noticia/576/jovens-infratores-fazem-parte-do-novo-projeto-de-reabilitacao-do-gea-e-parceiros..html#.VrQPRkBmq1g>>. Acesso em 13 de jan. de 2016.

YOSHINAGA, Gilberto Kurita. Resistência, Arte e Política: registro histórico do Rap no Brasil. Unesp: Bauru/SP, 2001.